

Turismo e transformação urbana

Carlos Costa, Zélia Breda, Ivana Stević, Média Veríssimo, Filipa Brandão, Rui Costa

Unidade de investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas (GOVCOPP)
Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo
Universidade de Aveiro

Introdução

Ao longo dos últimos anos, e com exceção da fase atípica de 2020-21 resultante da pandemia, verificou-se um grande crescimento do turismo nas áreas urbanas, que resultou da necessidade de as pessoas escaparem do seu quotidiano (Dirksmeier e Helbrecht, 2015; Füller e Michel, 2014; Mordue, 2017; Pappalepore, Maitland e Smith, 2014; Pinkster e Boterman, 2017). A crescente tendência dos turistas em se adaptarem ao modo de vida das populações locais nos destinos turísticos levou a que os residentes tivessem de competir pelo espaço urbano da sua cidade, intensificando pressões sobre os recursos e dando origem a conflitos e a formas de intolerância em relação aos turistas (Füller e Michel, 2014). Numa tentativa de criar conceitos e abordagens relativas a estas tendências específicas do turismo no contexto urbano, surgiram algumas novas ideias que exploraram o conceito de 'infusão urbana', ou seja, infusão de práticas do turismo no espaço urbano (Lim e Bouchon, 2017). Estas abordagens observam limites e fusão de práticas entre turistas e visitantes em espaços partilhados, identificando a crescente tendência dos visitantes à imersão no quotidiano dos residentes e ao fazer parte da cidade. Esta tendência, porém, afeta significativamente a vida dos residentes e influencia a sua perceção dos visitantes (Dirksmeier e Helbrecht, 2015). Contudo, observa-se que existe uma maior dificuldade em se definir os limites entre os turistas e os residentes que partilham as mesmas comodidades urbanas, onde as divergências ocorrem devido a estilos de vida diferentes (por exemplo, o horário de dormir), vendo-os como 'limites embaçados' (Dirksmeier e Helbrecht, 2015; Füller e Michel, 2014; Kavartzis e Minoia, 2017; Lim e Bouchon, 2017; Novy, 2018). Neste capítulo são exploradas as referidas divergências que acompanham o crescimento exponencial do turismo e as inevitáveis transformações que este traz para os territórios portugueses – os destinos de turismo urbano, em particular.

Fundamentos: Indicadores e *stakeholders* do turismo

As reflexões na área do turismo englobam vários indicadores do lado da oferta e da procura (Figura 1) que impactam e alteram destinos em termos económicos, socioculturais e ambientais/espaciais, e que podem ser usados para medir essas alterações. Os indicadores do lado da oferta incluem atrações turísticas (monumentos específicos ou áreas mais amplas dos sítios turísticos) e serviços/instalações turísticas (alojamento, serviços de transporte e lojas turísticas especializadas), enquanto os indicadores do lado da procura dizem respeito aos próprios

visitantes. Estes dois conjuntos de indicadores, e os seus respetivos impactes, podem ser medidos em termos de volume, crescimento, distribuição temporal e geográfica, enquanto os impactes associados aos visitantes podem também ser medidos em termos de atitudes, tendências/padrões comportamentais e perceções. As perceções e atitudes, no entanto, raramente são estudadas na perspetiva dos visitantes, que são os elementos que geram (contribuem para) os impactes, mas sim analisadas do ponto de vista da população residente, que são os elementos afetados pelos impactes gerados.

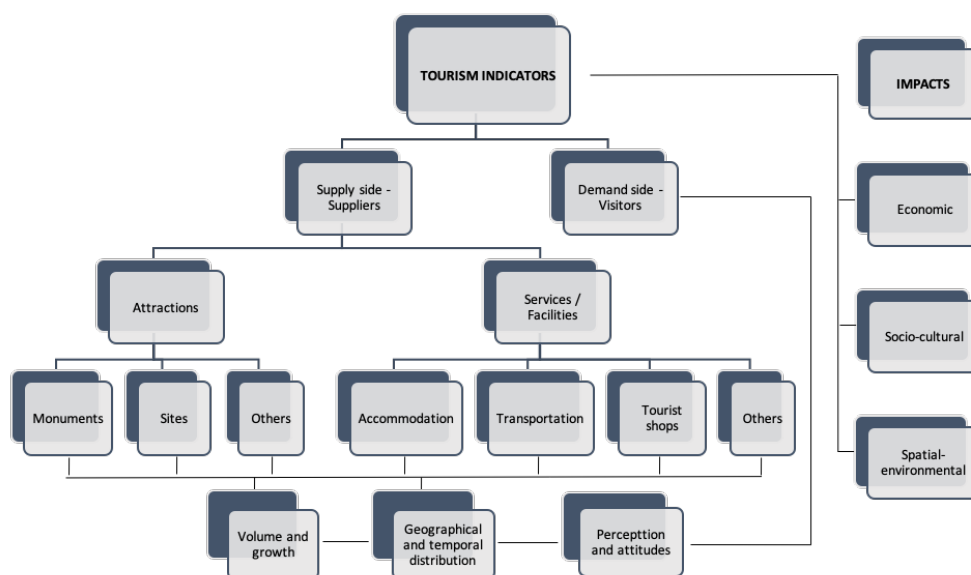


Figura 1 | Indicadores do turismo

Fonte: Elaboração própria, baseada na revisão de literatura

O envolvimento dos *stakeholders* – tanto do lado da oferta como da procura – é um aspeto estratégico para o planeamento, principalmente para um planeamento participativo que considera essencial o desenvolvimento das comunidades e de um turismo sustentável (Gunn, 1994; Hall, 2004; Inskip, 1991). De uma forma geral, os diferentes grupos de *stakeholders* distinguem-se pela sua perceção e visão sobre o desenvolvimento do turismo, pelo seu nível de interesse e dependência da atividade, e pelo nível de poder (para a tomada de decisão, por exemplo) e influência exercida no turismo (Simpson, 2001). É comum observar-se a presença e influência dos agentes públicos e privados no planeamento e gestão dos destinos, e que seja dada prioridade às necessidades dos turistas nos processos de tomada de decisão. No entanto, outros grupos costumam estar menos representados nos processos de planeamento, e, mais raramente, veem os seus interesses, valores e necessidades ser tidos em consideração nos processos de tomada de decisão.

Contudo, se o destino pretende ter um crescimento sustentável, é necessário orientar continuamente as decisões de planeamento e gestão considerando os interesses de todos os *stakeholders*, de modo a tentar satisfazer as suas diferentes solicitações. Afinal, o processo de planeamento deve ser composto por tomada de decisões e elaboração de políticas que lidam

“com um conjunto de decisões interdependentes ou sistematicamente relacionadas, e não com decisões individuais” (Hall, 2004, p. 24).

Ainda, deve-se ter em consideração que os *stakeholders*, pelos mais diversos motivos, tendem a possuir diferentes percepções, atitudes e necessidades em relação ao turismo e seu desenvolvimento no destino, sendo ainda relevante mencionar que até mesmo dentro dos mesmos grupos pode haver divergência de opinião. No caso dos residentes, por exemplo, é possível que alguns avaliem o turismo como fator de melhoria na qualidade de vida em espaços urbanos, enquanto outros o vejam como uma força invasora que age contra a identidade das comunidades, tradições e modos de vida locais.

A população residente como indicador de desenvolvimento dos destinos turísticos

A inclusão da população residente e a sua atitude positiva em relação ao turismo e aos visitantes são essenciais para o desenvolvimento sustentável do turismo (Martín, Martínez e Fernández, 2018; Muler Gonzalez, Coromina e Galí, 2018; Stylidis, Biran, Sit e Szivas, 2014; Gursoy, Chi e Dyer, 2010). Para além disso, as populações residentes, e os seus grupos de interesse, são consideradas elementos críticos para sistemas turísticos bem-sucedidos, tornando-as essenciais para a compreensão da complexidade desses sistemas (Easterling, 2004). Portanto, esse grupo-alvo deve ser usado como indicador de avaliação dos impactos do turismo. O estudo da atitude dos residentes em relação ao turismo tem vindo a ganhar cada vez mais importância ao longo dos últimos anos, devido à noção crescente da importância do envolvimento e inclusão das comunidades locais para este setor (Carballo, León e Carballo, 2019). Existem vários estudos sobre as atitudes dos residentes em relação ao turismo nas últimas décadas que comprovam esta afirmação (Nunkoo, Smith e Ramkissoon, 2013), embora ainda não existam muitos no contexto de excessos turísticos, em particular.

As abordagens existentes na área consideram as percepções dos residentes em diferentes contextos. San Martín, García dos Salmones Sánchez e Herrero (2017), por exemplo, fazem uma distinção relevante entre percepções, atitudes e comportamentos, separando também as atitudes em relação ao turismo e aos turistas. Rasoolimanesh, Roldán, Jaafar e Ramayah (2017) exploram fatores que influenciam as percepções dos moradores em relação ao desenvolvimento do turismo, diferenciando os contextos urbanos e rurais, e procurando diferenciar entre os efeitos da ligação à comunidade (*community attachment*) e atitudes ambientais nas percepções dos residentes. Eslami, Khalifah, Mardani, Streimikiene e Han (2019) usam a ligação à comunidade e a qualidade de vida como indicadores de medida dos impactos do turismo percebidos pelos residentes e o seu apoio ao desenvolvimento sustentável do turismo. Vários outros autores distinguem entre as percepções dos impactos económicos, socioculturais e ambientais do turismo nas comunidades anfitriãs (ex. Sinclair, Gursoy e Vieregge, 2015; Wang e Xu, 2015).

O raciocínio relativo às percepções das pessoas sobre os impactos do desenvolvimento do turismo é complexo e dependente de vários fatores, como, por exemplo: (i) se trabalham ou não em

atividades relacionadas com o setor do turismo, (ii) se os seus rendimentos são gerados pelo turismo, ou (iii) se têm outros benefícios não económicos do setor. A Teoria de Intercâmbio Social (Long, Perdue e Allen, 1990; Perdue, Long e Allen, 1987; Perdue, Long e Allen, 1990) defende que as atitudes tendem a ser mais positivas quando as pessoas beneficiam do intercâmbio turístico (ver também Andereck, Valentine, Knopf e Vogt, 2005; Postma, 2013). Há um *trade-off* entre experiências positivas e negativas com o turismo; isto é, as pessoas que experienciam impactos positivos estão dispostas a aceitar e a tolerar mais consequências negativas, quando comparadas com as que não os experienciam (Koens e Postma, 2017).

Impactes do turismo

A sustentabilidade não deve ser vista apenas como um dos objetivos do turismo, mas, sobretudo, como um princípio chave e transversal que oriente o planeamento e as políticas de turismo, nas suas várias dimensões (Figura 2). Para que o turismo seja uma ferramenta usada em prol do desenvolvimento sustentável de destinos, deve melhorar a qualidade de vida dos residentes; estimular a criação de emprego em atividades relacionadas com o turismo; otimizar os benefícios económicos locais; providenciar ligações económicas de longo prazo entre as comunidades e o setor; considerar os limites da capacidade de carga ambiental; proteger o património natural e construído para as gerações presentes e futuras; minimizar os impactos negativos do turismo; proporcionar uma experiência de alta qualidade aos visitantes e bem-estar sociocultural às comunidades de destino – respeitando a identidade social, valorizando o capital social, a cultura local, a coesão social e o orgulho local (Choi e Sirakaya, 2006; Ko, 2005; Saarinen, 2006).

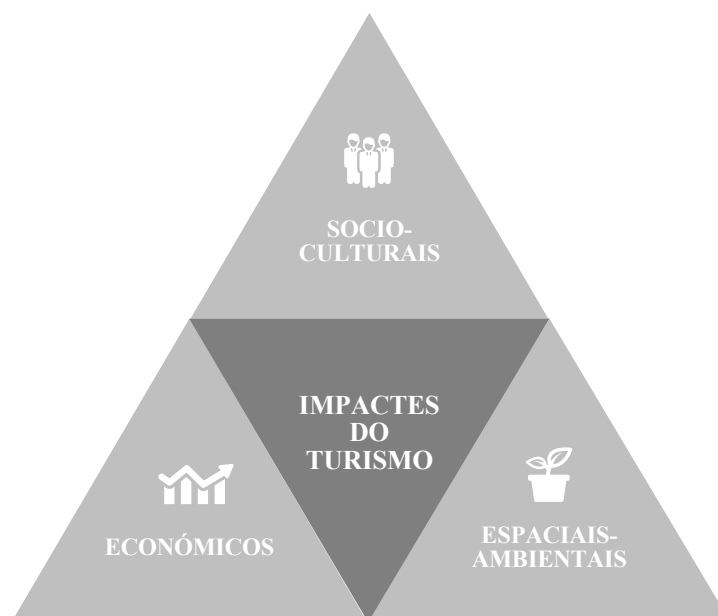


Figura 2 | Impactes do turismo em linha com as três dimensões da sustentabilidade
Fonte: Elaboração própria

A elaboração de planos e estratégias de desenvolvimento deve passar necessariamente pela avaliação das consequências do desenvolvimento turístico para as áreas de destino (Quadro 1).

O turismo pode desempenhar um papel positivo para as comunidades locais, tanto pelos seus impactes económicos e efeito multiplicador, como pelos impactes sociais e culturais favoráveis que a interação entre turistas e residentes pode causar. Com efeito, o turismo pode ajudar as comunidades locais a tomar consciência da importância de preservar e enaltecere o seu património cultural. No entanto, se o turismo não for desenvolvido de forma planeada, organizada e sustentada, pode contribuir para a perda da autenticidade cultural dessas mesmas comunidades. Em termos ambientais, o turismo pode contribuir para a conservação de um determinado destino, ou para a sua degradação. Este último tipo de efeitos é o que tem sido objeto de uma maior reflexão, devido às implicações que poderá desempenhar na sobrevivência dos destinos turísticos. Quando o turismo é responsável por elevados índices de poluição e pela destruição da flora e da fauna, está a destruir os recursos básicos dos destinos. Por outro lado, o turismo poderá ter um efeito positivo, nomeadamente através de um comportamento amigo do ambiente por parte dos turistas, que favorecem a conservação da natureza, e ainda com os seus gastos que poderão servir como suporte financeiro para que os agentes responsáveis pela oferta turística possam adotar medidas com vista ao mesmo objetivo de conservação.

Quadro 1 | Estudos sobre os impactes positivos/negativos do turismo

Impactes positivos	
Preservação dos centros históricos e novos usos aos edifícios vazios	Randelli et al (2015); Doganer & Dupont (2015)
Melhoria da experiência positiva no destino, que aumenta a perceção de bom valor, a satisfação geral e a probabilidade de regressar	Garín- Muñoz & Moral (2017); Mikulić et al (2015); Ben-dalia et al (2013); Barros & Assaf (2012); Brida et al (2012)
Aumento das atividades de empreendedorismo	Jaafar (2012)
Melhoria das infraestruturas	Ferrari & Guala (2017); Tandyrak et al (2016); Kasagranda et al (2016); Marques & Santos (2016); Iwanicki & Dłużewska (2015); Rovira & Anton-Clavé (2014); Tofan & Nița (2014); Frost & Laing, J. (2014); Nouri et al (2012); Shinde (2012).
Reestruturação dos padrões espaciais em centros urbanos e arredores	Membretti & Bogdan(2017); Lama & Tabales (2017); Coroş et al (2016); Boavida-Portugal et al (2016); Rogerson, J. (2014); Pons & Rullán Salamanca (2014); Jiménez García (2014); Rogerson, J. (2013a); Rogerson, J. (2013b); Rogerson (2012)
Impulso da economia local e da cadeia de abastecimento	Pulido-Fernández et al (2017); Džupka, & Šebová (2016); Rogerson (2014); Rogerson (2012)
Impactes negativos	
Aumento da especulação imobiliária	Llop (2017); Cocola Gant, (2016); Fablet (2013)
Gentrificação	Llop (2017); Liu & Ma (2017); Cocola Gant, (2016)
Mercado negro e falta de legislação	Llop (2017); Boavida-Portugal et al (2016); Rodríguez (2014)

Aumento na procura e pressão sobre a capacidade de carga	Sánchez-Galiano et al (2017); Randelli et al (2015); Rodríguez (2014); Samata & Harun (2013); Feliziani & Miarelli, (2012)
Pressão ambiental	Han et al (2016); Othman et al (2015); Saenz-de-miera & Rosselló (2014); Huhta & Sulkava (2014); Samata & Harun (2013)
Negligência da cadeia de abastecimento local	Pillay & Rogerson (2013)

Políticas e diretrizes de planeamento: Como medir os impactes do turismo?

Apesar de os impactes do turismo serem uma matéria amplamente discutida no meio académico e de termos como ‘*overtourism*’ e ‘turismofobia’ terem sido recorrentes nos meios de comunicação até à chegada da pandemia, o estudo da relação entre as causas e os efeitos do turismo não são novidade. O facto é que com a rápida dinâmica do turismo contemporâneo, novos termos surgiram para se referirem a antigos problemas relacionados, principalmente, à falta de planeamento e de políticas efetivas para a gestão do turismo. Já desde meados de 1970 que os estudos apontam para que o crescimento do turismo não assente em formas de desenvolvimento que não respeitem os pilares do desenvolvimento sustentável.

Recentemente, um estudo que analisou artigos publicados nos últimos 20 anos que abordaram os temas do excesso do turismo e dos conflitos sociais relacionados com a atividade, identificou alguns modelos, métodos e técnicas importantes para a mensuração e monitorização dos impactes do turismo num destino (Veríssimo, Moraes, Breda, Guizi, e Costa, 2020). Estas teorias e ferramentas, ainda que usadas com objetivos específicos, podem ser intercaladas e adaptadas a realidades de diversos destinos, como forma de analisar os impactes causados pelas pressões do turismo, de modo a delinear políticas e diretrizes inclusivas e promover um turismo sustentável. Seguidamente são descritas as abordagens adotadas neste estudo.

Modelos de análise do turismo

- **O modelo de ciclo de vida do destino: O modelo ‘*Tourism Area Life Cycle*’,** proposto por Butler, em 1980, descreve o desenvolvimento de um destino turístico ao caracterizar a sua evolução em seis fases distintas. Na fase 1, da exploração, o contato entre turistas e residentes é satisfatório, pois não há perturbação da sociedade local. Na fase 2, do envolvimento, existe a noção de que o destino pode crescer em termos de infraestruturas e número de visitantes, pois é bom para o destino valer-se dos benefícios que o turismo pode trazer. Na fase 3, do desenvolvimento, já se começa a perceber alguns problemas associados ao turismo, mas considera-se que a indústria turística ainda pode avançar mais. Na fase 4, da consolidação, o destino é divulgado em meios nacionais e internacionais, por isso há um fluxo constante de turistas. Existe a noção de que eles contribuem para a conservação do património cultural e natural, mas também causam alguns problemas, como o congestionamento de tráfego, sobrecarga dos serviços públicos e aumento dos preços dos bens e serviços. Na fase 5,

o número de turistas é elevado, mas mantem-se estável nos últimos anos, com isso, já não se sente tanto os benefícios do turismo como em anos anteriores. Por fim, na fase de declínio e rejuvenescimento, verifica-se a diminuição do número de turistas e a falta de investimentos no destino, consideram-se, então, novas estratégias para atrair novamente os turistas (Butler, 1980).

- **O índice de irritação – ‘*Irritation Index*’, ou ‘*Irridex*’,** foi criado por Doxey, como forma de simular as fases vivenciadas pelos residentes nas áreas de expansão do turismo. O modelo é baseado no entendimento da mudança de atitude dos residentes locais em relação aos turistas e ao desenvolvimento do turismo em diferentes fases do ciclo de vida de um destino. Na fase da euforia, os residentes percebem o turismo como algo positivo e acolhem bem os turistas. Já na fase da apatia, o contato com os turistas torna-se superficial ou desenvolve-se por interesses comerciais. Na fase seguinte, da irritação, os residentes passam a desenvolver um sentimento negativo, pois a constante chegada de turistas começa a saturá-los. E na última fase, do antagonismo, os turistas passam a ser vistos como a causa de muitos dos problemas do destino (Doxey, 1975).

Técnicas e instrumentos de recolha de dados

- **Estatísticas do turismo:** dados secundários, como, por exemplo, número de turistas, número de hotéis e alojamento de curta-duração, número de cruzeiros, entre outros, provenientes de fontes fiáveis como instituições de turismo internacionais, regionais e locais, podem ser utilizados para avaliar e monitorizar o crescimento do turismo (e.g. Moreno-Izquierdo, Ramon-Rodriguez, e Jesus Such-Devesa, 2018);
- **Análise dos media:** visto que os veículos mediáticos são uma poderosa ferramenta de transmissão de informação e influenciadora de opinião e ações públicas, a análise de notícias é uma fonte relevante para obter *insights* sobre situações e debates emergentes (e.g. Phi, 2019);
- **Mapeamento do uso do território:** o mapeamento do uso do território e a densidade e distribuição espacial da atividade turística, quando realizado ao longo do tempo, permite monitorizar a expansão de áreas construídas, evitando, assim, possíveis danos à paisagem histórica e natural (e.g. Randelli e Martellozzo, 2019);
- **Entrevistas e *workshops* participativos com diferentes *stakeholders*** (e.g. Koens, Postma, e Papp, 2018) Jamal e Getz, 1999), tais como entidades públicas, empresários do turismo e associações civis envolvidas com o turismo, são uma ferramenta importante para envolver diversos grupos de interesse no planeamento do turismo;
- **Entrevistas e questionários aos residentes** (e.g. Martín, Martínez, e Fernández, 2018) (e.g. Namberger, Jackisch, Schmude, e Karl, 2019) que podem ser aplicados aos residentes, como forma de entender e avaliar as perceções, atitudes e comportamentos destes relativamente ao desenvolvimento turismo em determinado território.

Estudo de caso: A percepção dos diversos *stakeholders* sobre o desenvolvimento do turismo em dois destinos urbanos portugueses

No contexto pré-COVID 19, Portugal registou um rápido crescimento na procura turística, acompanhado por melhorias proporcionais na oferta. O primeiro refletiu-se na intensificação da chegada de turistas, enquanto o segundo no rápido aumento de estabelecimentos de alojamento e operadores turísticos especializados. Em 2010 o número total de hóspedes foi de 13.5 milhões, enquanto que em 2019 mais do que duplicou tendo atingido 27.1 milhões; por sua vez, o número de dormidas cresceu de 37.4 milhões em 2010 para 70.2 milhões em 2019 (INE, 2019). Para além disso, nas últimas duas décadas, as receitas do turismo mais que triplicaram, representando um contributo de 8,7% no PIB português. Assim, o setor do turismo constitui a maior atividade económica exportadora do país, tendo sido responsável, em 2019, por 52,3% das exportações de serviços, 19,7% das exportações totais e gerado 336,8 mil empregos, o que representa um peso de 6,9% na economia nacional (Turismo de Portugal, 2020).

Consequentemente, este crescimento contribuiu para o fortalecimento das infraestruturas e equipamentos turísticos que tem sido impulsionada pela criação não só de novos estabelecimentos tidos como tradicionais (e.g restaurantes e hotéis), mas especialmente pelo surgimento de um novo tipo de oferta, como as empresas de animação turística em segmentos diversos, e novos tipos de alojamento (alojamento local) (Costa, Stevic, Veríssimo, e Ferreira da Silva, 2019; Veríssimo e Costa, 2018). A figura 3 mostra a distribuição dos estabelecimentos de alojamento local em números (por concelho) e densidades (por freguesia) para o Porto, Aveiro e Lisboa:

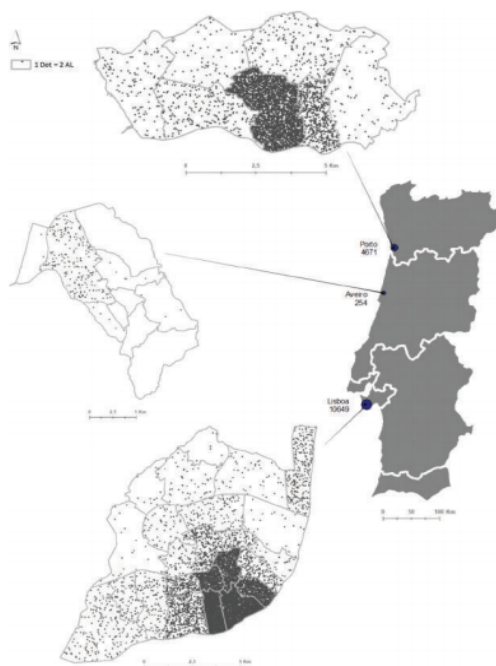


Figura 3 | Distribuição do alojamento local em Aveiro, Porto e Lisboa
Fonte: Costa et al. (2019)

De facto, a incidência do turismo em Portugal tem sido observada principalmente nas áreas urbanas do país. Bom exemplo disso é a crescente projeção internacional de destinos portugueses, como Lisboa, destacada como melhor destino de *city-break*, em 2019, e o Porto, premiado como melhor destino Europeu em 2017 (World Travel Awards, 2019), o que contribuiu para o ‘boom’ do turismo nessas áreas urbanas. Contudo, este fenómeno deve-se não só a uma aparente ‘moda’, mas a fatores diversos que se verificam também fora do contexto português. Podemos citar a democratização das viagens que se tornaram mais acessíveis do ponto de vista económico (e.g. conceito *low cost*) e tecnológico (e.g. plataformas de reservas), e sobretudo a relevância de uma mudança de paradigma no setor das viagens que passou de uma ênfase no turismo de sol/prai/resort para um turismo urbano que privilegia o envolvimento do turista com experiências quotidianas e locais.

No entanto, esta vocação turística dos centros urbanos portugueses, enquanto contribui para uma regeneração urbana acelerada, traz também transformações económicas, sociais e espaciais que nem sempre são vistas como positivas pelos atores presentes nos territórios. É diante deste contexto, que um estudo realizado por investigadores da Universidade de Aveiro, no âmbito do projeto SPLACH (*Spatial Planning for Change*), investigou as perceções dos diversos *stakeholders* do turismo relativamente ao desenvolvimento do turismo nos centros urbanos portugueses. Com foco na análise do Porto, a segunda maior cidade do país e capital da região norte, e de Aveiro, cidade de tamanho médio do litoral da região centro de Portugal, o estudo avaliou as transformações urbanas geradas pelo turismo em destinos que se encontram em diferentes fases de desenvolvimento, estando o primeiro mais desenvolvido em termos turísticos (Figura 4).

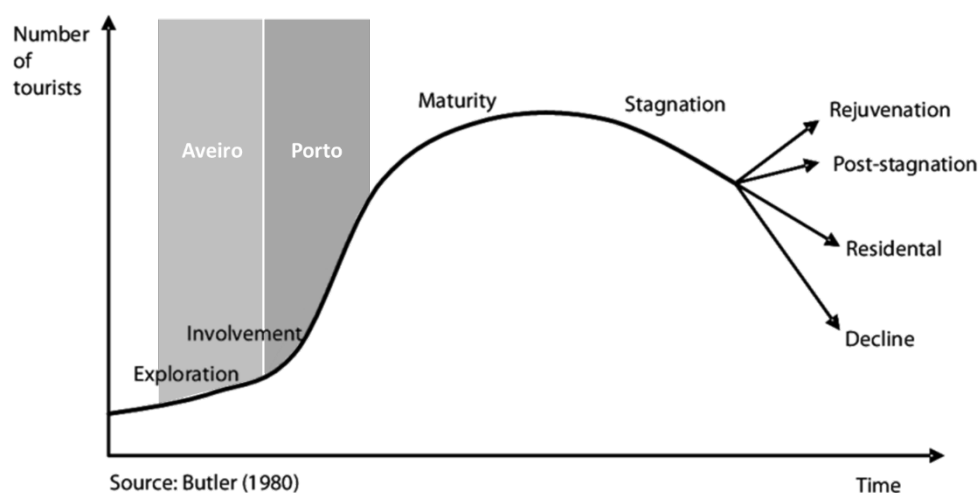


Figura 4 | Fases de desenvolvimento do turismo de Aveiro e Porto segundo o Modelo de Butler

Fonte: adaptado de Butler (1980)

O estudo seguiu uma abordagem qualitativa-indutiva, que consistiu, numa primeira fase teórica de revisão bibliográfica sobre a interseção dos temas do turismo e do planeamento e desenvolvimento das áreas urbanas, e que, numa segunda fase empírica consistiu em análises de conteúdo e estatística. O processo de recolha de dados seguiu três fases distintas, sendo elas: (1) análise de dados secundários de bases do turismo português (Registo Nacional do Turismo

– RNT); (2) painéis de especialistas e (3) questionários aplicados aos residentes. Aqui são sumariados os resultados das duas últimas fases.

A opinião dos empresários do turismo, gestores públicos e planeadores urbanos

Em janeiro de 2019, na Universidade de Aveiro, realizou-se um debate sobre o tema do excesso de turismo nos centros urbanos, com diversos *stakeholders* do setor (Diário de Aveiro, 2019; Universidade de Aveiro, 2019). O evento teve como objetivo discutir a importância do crescimento do turismo nas cidades e centros históricos, e avaliar quais os impactos, positivos e negativos, que o turismo pode trazer para os destinos e para as suas populações. O *workshop*, que teve um carácter participativo, reuniu dez oradores em dois painéis distintos, sendo eles empresários, representantes de associações locais, gestores regionais e municipais e planeadores urbanos. O evento contou com a presença de 110 participantes, entre estudantes, docentes e investigadores, empresários do setor e representantes de associações civis e entidades públicas, e foi transmitido via *streaming*, tendo considerado as questões enviadas *online* pelos participantes que se encontravam a assistir remotamente.

Perante a questão de partida ‘Há excesso de turismo nos centros urbanos?’, os especialistas debateram desafios e soluções para um melhor planeamento do turismo. Dentro dos principais tópicos discutidos destacam-se os seguintes: (i) a concentração espacial dos turistas e os efeitos da sazonalidade; (ii) as questões da sustentabilidade e a sobrecarga dos serviços públicos; (iii) a cooperação e trabalho em rede; e a (iv) habitação, inclusão dos residentes e a autenticidade dos destinos (Figura 5).

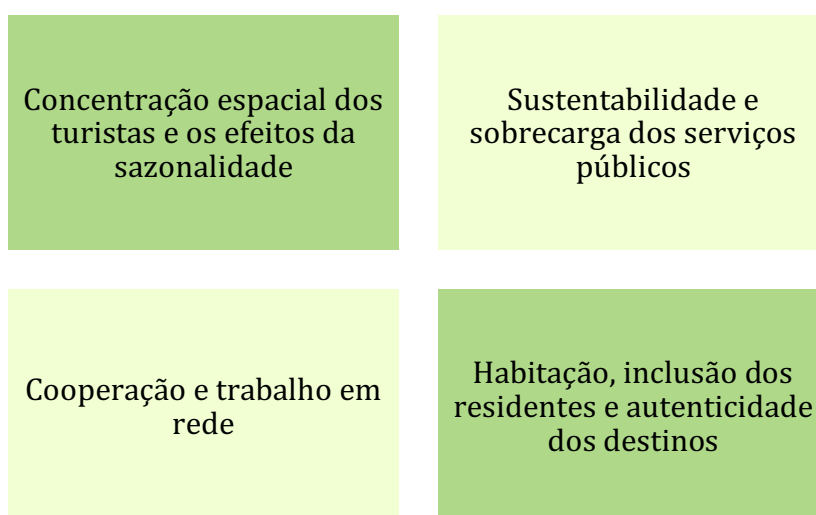


Figura 5 | Quadro-resumo das opiniões dos stakeholders sobre os principais desafios dos destinos urbanos portugueses
Fonte: Elaboração própria

Os dados empíricos reiteram o que é abordado na literatura, ao referir que o *overtourism*, ou excesso de turismo, é um fenómeno espaço-temporal, isto é, a perceção do excesso de turismo nos centros urbanos está essencialmente relacionada com dois fatores inerentes à atividade: a

sazonalidade que concentra o fluxo de turistas em determinados períodos do ano (especialmente nos meses de verão), e a localização de atrações específicas que fazem com que os turistas transitem pelas mesmas áreas no destino.

A percepção dos residentes sobre o desenvolvimento do turismo na cidade

O questionário, aplicado *online* aos residentes do concelho de Aveiro e do Porto, teve como objetivo investigar as suas experiências e opiniões relativamente aos efeitos do turismo na sua cidade. O estudo recolheu 424 respostas, sendo 50% de residentes do Porto e 50% de Aveiro. A amostra consistiu num perfil de respondente em que 55% eram mulheres e 45% homens, principalmente na faixa etária dos 31-40 anos (30%), com ensino superior completo (80%) e que não trabalham em atividades relacionadas com o turismo (77%). Dos respondentes de Aveiro, a maioria vive e trabalha no centro da cidade, 62% e 61%, respetivamente. Enquanto da amostra do Porto, os respondentes que vivem e/ou trabalham no centro correspondem a uma minoria, 31% (vive no centro) e 36% (trabalha no centro).

Como já referido, Aveiro e Porto encontram-se em diferentes fases de desenvolvimento turístico. Contudo, ainda que os residentes de Aveiro demonstrem ter uma visão aparentemente mais positiva do que os do Porto relativamente ao turismo na cidade, os resultados gerais apontam que 30% dos inquiridos concordam que devem existir limites ao crescimento do turismo na cidade.

Quando questionados acerca das palavras que associam ao turismo na sua cidade, os residentes de Aveiro referem expressões mais positivas, nomeadamente elementos culturais e naturais, como os moliceiros, ovos moles e a ria, enquanto os residentes do Porto referiram palavras mais negativas, como confusão, gentrificação e excessos (Figuras 6 e 7).



Figuras 6 e 7 | Palavras associadas ao crescimento do turismo em Aveiro e no Porto, de acordo com as percepções dos residentes das duas cidades
Fonte: Elaboração própria

Cerca de 40% dos respondentes afirmam já ter experienciado problemas relacionados com o turismo e apontam ações específicas para lidar com esses problemas, enquanto cerca de 20% nota efeitos negativos provocados pelo turismo, mas não faz nada quanto a isso. Quase metade dos respondentes acha que ainda há espaço para o crescimento do setor e do número de turistas

na cidade, mas concordam com a aplicação de algumas medidas concretas para uma gestão e planeamento mais sustentáveis do turismo nas/das cidades. Os resultados das respostas encontram-se representados na figura 8.

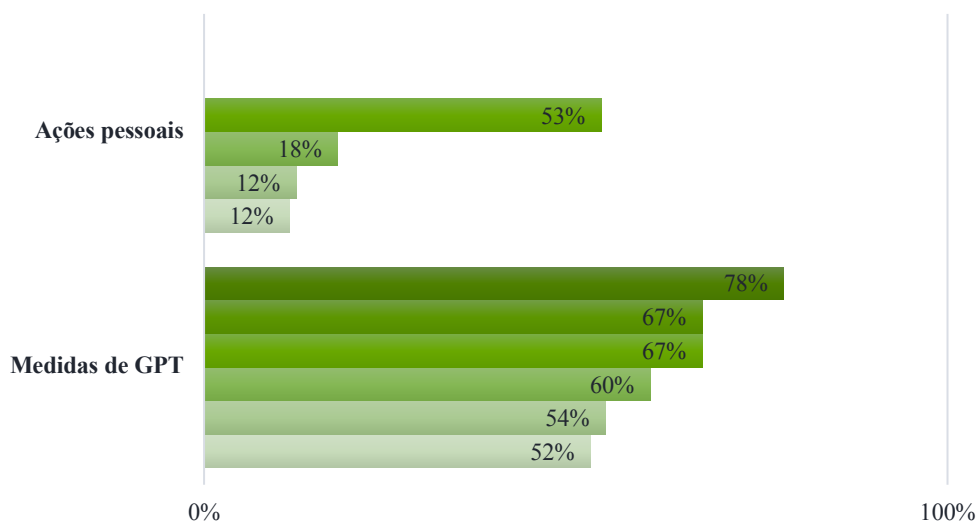


Figura 8 | Formas de lidar com problemas do turismo: ações pessoais vs. medidas de gestão e planeamento do turismo

Fonte: Elaboração própria

A ação praticada pela maior parte dos residentes (53%) é evitar os sítios e/ou horários específicos na cidade por causa dos turistas. As restantes ações indicadas são praticadas por uma percentagem de respondentes significativamente menor, cada uma abaixo de 20% do número total de inquiridos. Essas ações são, respetivamente, (i) tentar influenciar a opinião pública e/ou políticas públicas através de ações específicas (e.g. publicação de artigos na imprensa, petições, manifestações, etc.); (ii) alertar os visitantes para comportamentos inaceitáveis; e (iii) mudar ou ter a intenção de mudar de casa por causa do turismo. Embora a última ação tenha sido indicada por um menor número de residentes, ainda assim representa uma medida drástica que implica impactes bastante negativos do turismo.

Em relação às medidas de gestão e planeamento do turismo nas cidades, das 14 medidas sugeridas, seis foram referidas por mais de 50% dos respondentes. A medida mais mencionada é a criação de atrações e rotas turísticas para dispersar os turistas para fora das zonas centrais da cidade (78%). As outras medidas são, respetivamente: (i) melhorar as infraestruturas e equipamentos para o uso dos residentes (67%); (ii) envolver os residentes e os comerciantes locais nas decisões sobre gestão e planeamento em turismo (67%); (iii) promover espaços criativos que possibilitem a interação entre os turistas e os residentes (60%); (iv) proibir o alojamento local e a abertura de novos hotéis em certas zonas da cidade (54%); e (v) sensibilizar os turistas sobre os comportamentos (in)aceitáveis (52%)

Ao comparar as medidas tomadas pelos próprios residentes e as com que concordam para serem tomadas pelos gestores e planeadores do turismo, é de imediato perceptível que a grande maioria

dos respondentes concorda com as medidas a serem tomadas por outrem, enquanto as ações pessoais são tomadas em número significativamente menor.

Ao referirem os principais impactes derivados do turismo, os residentes de ambas as cidades reconhecem que esta atividade pode acarretar impactes negativos, mas também positivos, no âmbito das diferentes esferas de análise (económica, sociocultural e espacial-ambiental). Por um lado, referem, como principais aspetos negativos, a especulação imobiliária, os problemas de acesso à habitação, o congestionamento na mobilidade urbana e a sobrecarga dos espaços e serviços públicos. Por outro lado, admitem também que o turismo proporciona uma valorização dos imóveis e crescente investimento na cidade, um aumento na diversidade de pessoas e culturas, e promoção da requalificação urbana e da melhoria da estética da cidade. A figura 9 resume os principais impactes positivos e negativos do turismo avaliados pelos residentes.

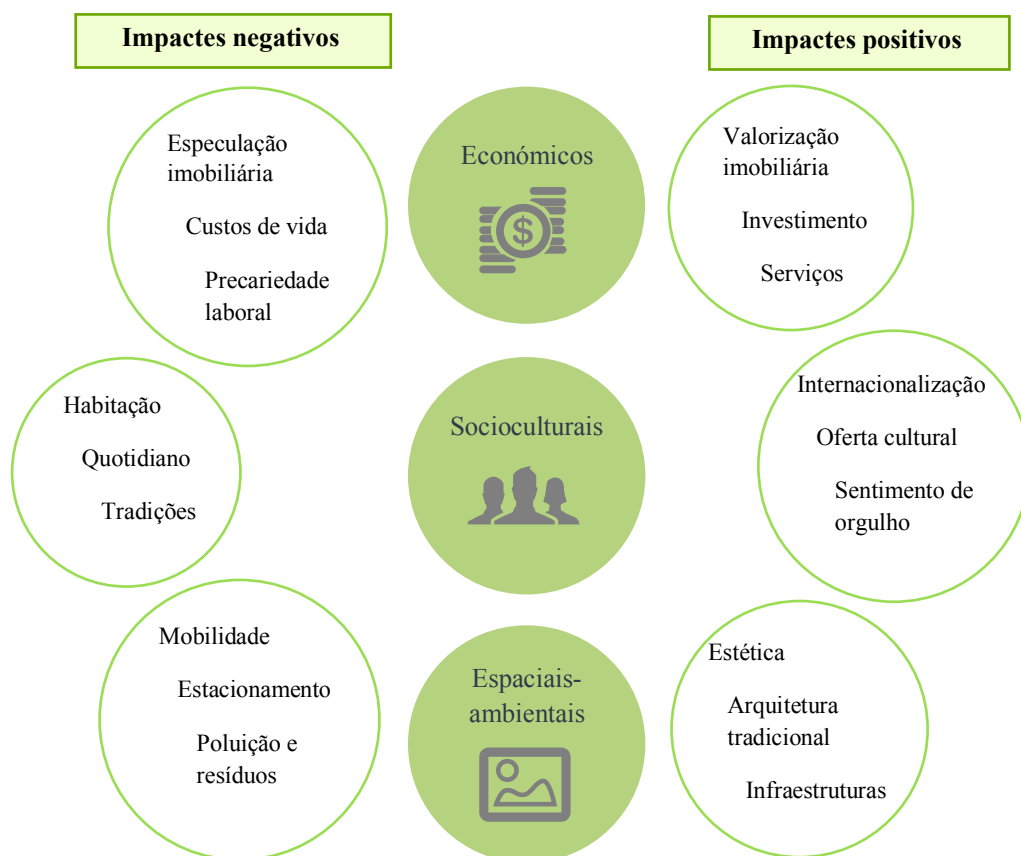


Figura 9 | Principais impactes do turismo percecionados pelos residentes

Fonte: Elaboração própria

Observações finais

O turismo é uma atividade com elevado potencial para o desenvolvimento dos destinos e pode ser utilizada como uma ferramenta estratégica para alavancar o desenvolvimento nos locais. Contudo, torna-se fundamental que o turismo seja gerido e planeado de forma a trazer o maior número de benefícios e evitar potenciais impactes negativos.

Fontes complementares de informação

- Butler, R. W. (1980). The concept of an area cycle of evolution: Implications for management of resources. *Canadian Geographer*, 24, 5-12. <https://doi.org/10.1111/j.1541-0064.1980.tb00970.x>
- Choi, H-S. C., & Sirakaya, E. (2005). Measuring residents' attitude toward sustainable tourism: Development of sustainable tourism attitude scale. *Journal of Travel Research*, 43(4), 380-394.
- Cook, K. S., Cheshire, C., Rice, E. R. W., & Nakagawa, S. (2013). Social Exchange Theory. In J. DeLamater & A. Ward (Eds.), *Handbook of social psychology* (pp. 61–88). Springer Netherlands.
- Costa, C., Stevic, I., Veríssimo, M., & Ferreira da Silva, M. (2019). Short-term accommodation and overtourism in Portuguese urban centres. In C. Milano, J. M. Cheer, & M. Novelli (Eds.), *Overtourism: Excesses, discontents and measures in travel and tourism* (pp. 167–189). CABI.
- Diário de Aveiro. (2019). *Especialistas debatem turismo em Aveiro*. Retrieved from <http://www.diarioaveiro.pt/noticia/40942>
- Doxey, G. V. (1975). A causation theory of visitor-resident irritants: Methodology and research inferences. In *Travel and Tourism Research Associations Sixth Annual Conference Proceeding* (pp. 195–198). San Diego.
- Gunn, C. A. (1994). *Tourism planning* (3rd ed.). New York: Taylor and Francis.
- Hall, C. M. (2004). *Planejamento turístico: Políticas, processos e relacionamentos* (2nd ed.). São Paulo: Editora Contexto
- INE. (2019). Estatísticas de turismo 2018. Retrieved from https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOES_pub_boui=358629548&PUBLICACOESmodo=2
- Inskip, E. (1991). *Tourism planning: An integrated and sustainable development approach*. New York: Van Nostrand Reinhold.
- Jamal, T., & Getz, D. (1999). Community roundtables for tourism-related conflicts: The dialectics of consensus and process structures. *Journal of Sustainable Tourism*, 7(3–4), 290–313. <https://doi.org/10.1080/09669589908667341>
- Kennell, J. (2014). Carrying capacity , tourism. In Jafari J. (Ed.), *Encyclopedia of tourism*. Springer.
- Ko, T. G. (2005). Development of a tourism sustainability assessment procedure: A conceptual approach. *Tourism Management*, 26(3), 431-445.
- Koens, K., Postma, A., & Papp, B. (2018). Is overtourism overused ? Understanding the impact of tourism in a city context. *Sustainability (Switzerland)*, 10(12), 1–15. <https://doi.org/10.3390/su10124384>
- Martín, J. M. M., Martínez, J. M. G., & Fernández, J. A. S. (2018). An analysis of the factors behind the citizen's attitude of rejection towards tourism in a context of overtourism and economic dependence on this activity. *Sustainability (Switzerland)*, 10(8). <https://doi.org/10.3390/su10082851>

- McCool, S. (2013). Limits of acceptable change and tourism. In A. Holden & D. A. Fennel (Eds.), *The Routledge handbook of tourism and the environment* (pp. 285–298). Oxon, UK: Routledge.
- Moreno-Izquierdo, L., Ramon-Rodriguez, A., & Jesus Such-Devesa, M. (2018). The challenge of long-term tourism competitiveness in the age of innovation: Spain as a case study. *Investigaciones Regionales-Journal of Regional Research*, 42(42, SI), 13–34.
- Muler Gonzalez, V., Coromina, L., & Galí, N. (2018). Overtourism: Residents' perceptions of tourism impact as an indicator of resident social carrying capacity - Case study of a Spanish heritage town. *Tourism Review*, 73(3), 277–296. <https://doi.org/10.1108/TR-08-2017-0138>
- Namberger, P., Jackisch, S., Schmude, J., & Karl, M. (2019). Overcrowding, overtourism and local level disturbance: How much can Munich handle? *Tourism Planning and Development*, 1–21. <https://doi.org/10.1080/21568316.2019.1595706>
- O'Reilly, A. M. (1986). Tourism carrying capacity: Concept and issues. *Tourism Management*, 7(4), 254–258. [https://doi.org/10.1016/0261-5177\(86\)90035-X](https://doi.org/10.1016/0261-5177(86)90035-X)
- Phi, G. T. (2019). Framing overtourism: A critical news media analysis. *Current Issues in Tourism*, 1–5. <https://doi.org/10.1080/13683500.2019.1618249>
- Randelli, F., & Martellozzo, F. (2019). Is rural tourism-induced built-up growth a threat for the sustainability of rural areas? The case study of Tuscany. *Land Use Policy*, 86(December 2018), 387–398. <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2019.05.018>
- Saarinen, J. (2006). Traditions of sustainability in tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 33(4), 1121–1140.
- Simpson, K. (2001). Strategic planning and community involvement as contributors to sustainable tourism development. *Current Issues in Tourism*, 4(1), 3–41. <https://doi.org/10.1080/13683500108667880>
- Travel BI, Turismo de Portugal (2019). *Turismo em números*. Retirado da seguinte fonte: <https://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-pt/Paginas/turismo-em-numeros-2019.aspx>
- Turismo de Portugal. (2020). *Desempenho turístico*. Retrieved from http://business.turismodeportugal.pt/pt/Conhecer/Apresentacao/Desempenho_Turistico/Paginas/default.aspx
- Universidade de Aveiro. (2019). *Há excesso de turismo em Aveiro?* Retrieved from <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/56941>
- Veríssimo, M., & Costa, C. (2018). Do hostels play a role in pleasing Millennial travellers? The Portuguese case. *Journal of Tourism Futures*, 4(1). <https://doi.org/10.1108/JTF-12-2017-0054>
- Veríssimo, M., Moraes, M., Breda, Z., Guizi, A., & Costa, C. (2020). Overtourism and tourismphobia: A systematic literature review. *Tourism*, 68(2), 156–169.
- Ward, C., & Berno, T. (2011). Beyond social exchange theory. Attitudes toward tourists. *Annals of Tourism Research*, 38(4), 1556–1569. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.02.005>
- World Travel Awards (2019). *Europe's leading city break destination 2019*. Retirado da seguinte fonte: <https://www.worldtravelawards.com/award-europes-leading-city-break-destination-2019>